

---

---

# REVISTA TAKA'A

---

---

## IRACEMA E A PEDAGOGIA DO APAGAMENTO INDÍGENA: LITERATURA ROMÂNTICA, NAÇÃO E SILENCIAMENTO EPISTÊMICO

IRACEMA AND THE PEDAGOGY OF INDIGENOUS ERASURE: ROMANTIC  
LITERATURE, NATION-BUILDING, AND EPISTEMIC SILENCING

**Cláudio Sérgio Matias da Silva**

Universidad del Meseo Social Argentino (UMSA)  
<https://orcid.org/0000-0002-8388-9209>  
clawdiosilva@gmail.com

**Clodoaldo Matias da Silva**

Universidade Federal do Amazonas (UFAM)  
<https://orcid.org/0000-0002-3923-8839>  
cms.1978@hotmail.com

**Janderson Gustavo Soares de Almeida**

Universidade Estácio de Sá (UNESA)  
<https://orcid.org/0000-0002-7072-8561>  
janderson.almeida@semed.manaus.am.gov.br

**Denison Melo de Aguiar**

Universidade do Estado do Amazonas (UEA)  
<https://orcid.org/0000-0001-5903-4203>  
denisonaguiarx@gmail.com

### RESUMO

O estudo investiga como uma narrativa romântica do século XIX participa da construção simbólica da nação ao definir lugares específicos para a figura indígena, integrando parâmetros que influenciam percepções contemporâneas sobre identidade e pertencimento. A pesquisa

examina o romance como artefato cultural que organiza sentidos e silenciamentos, permitindo analisar processos de apagamento epistêmico que atravessam a história social brasileira e repercutem em práticas educativas e representações institucionais. O objetivo consiste em compreender de que modo a narrativa produz enquadramentos que limitam a presença indígena como sujeito de conhecimento, ao mesmo tempo em que contribui para consolidar modelos interpretativos associados à formação nacional. A metodologia utiliza revisão bibliográfica analítica, articulada à leitura antropológica da obra e à comparação com produções indígenas contemporâneas, com foco na identificação de disputas simbólicas que emergem entre diferentes regimes de saber. O estudo analisa a interação entre literatura, colonialidade e identidade, destacando aspectos que revelam tensões entre narrativas hegemônicas e expressões indígenas que reconfiguram modos de enunciação. A análise demonstra que práticas literárias atuais introduzem deslocamentos que desafiam referências tradicionais, tornando visíveis epistemologias que permaneciam marginalizadas. A conclusão preliminar indica que essas produções ampliam possibilidades de leitura crítica ao propor outras formas de compreender o indígena como sujeito histórico, epistêmico e político. O trabalho contribui para debates sobre representação, educação intercultural e justiça cognitiva, estimulando reflexões sobre caminhos para superar apagamentos ainda presentes no imaginário nacional.

**Palavras-chave:** Alteridade. Colonialidade. Epistemologias indígenas. Identidade nacional. Romantismo.

#### ABSTRACT

This study investigates how a nineteenth-century romantic narrative contributes to the symbolic construction of the nation by assigning specific positions to the Indigenous figure, shaping parameters that continue to influence contemporary perceptions of identity and belonging. The research examines the novel as a cultural artefact that organises meanings and silences, allowing the analysis of epistemic erasure that permeates Brazilian social history and affects educational practices and institutional representations. The objective is to understand how the narrative produces frameworks that restrict Indigenous presence as a knowledge-bearing subject while reinforcing interpretative models associated with national formation. The methodology employs an analytical bibliographic review combined with an anthropological reading of the text and comparison with contemporary Indigenous productions, focusing on symbolic disputes that emerge between different regimes of knowledge. The study analyses the interplay between literature, coloniality and identity, highlighting tensions between hegemonic narratives and Indigenous expressions that reshape forms of enunciation. The analysis shows that current literary practices introduce shifts that challenge traditional references and bring forward epistemologies previously marginalised. The preliminary conclusion indicates that such productions broaden possibilities for critical interpretation by proposing alternative ways of understanding Indigenous peoples as historical, epistemic and political subjects. This work contributes to debates on representation, intercultural education and cognitive justice, encouraging reflections on pathways to overcome forms of erasure still present in national imaginaries.

**Keywords:** Alterity. Coloniality. Indigenous epistemologies. National identity. Romanticism.

## Introdução

A literatura romântica brasileira inscreveu-se como espaço de elaboração simbólica no qual sensibilidades políticas, expectativas sociais e disputas por identidade se entrecruzaram na formação da ideia de nação, compondo um campo em que narrativas literárias passaram a exercer funções que ultrapassavam a estética. Essas narrativas circularam entre instituições, práticas educativas e repertórios normativos, influenciando modos de perceber diferenças e de organizar pertencimentos. Nesse contexto, *Iracema* emergiu como narrativa que passou a integrar processos amplos de produção de sentido, possibilitando observar como imagens do indígena foram moldadas e difundidas em diferentes esferas sociais.

A obra consolidou-se como mediadora de tensões entre passado colonial e projetos de modernidade, oferecendo representações que dialogavam com sensibilidades históricas variadas e que foram sendo incorporadas por práticas de leitura, ensino e administração pública. Essas representações não se restringiram ao plano ficcional, pois passaram a compor rotinas interpretativas que estruturaram modos de compreender o indígena e sua posição social. Desse modo, a narrativa permite identificar dinâmicas que articulam poder, linguagem e reconhecimento, revelando um campo no qual formas de visibilidade e silenciamento se configuram mutuamente.

É nesse terreno que se formula o questionamento central da pesquisa, ao perguntar: De que modo *Iracema*, enquanto narrativa romântica fundadora, opera antropologicamente o apagamento indígena e legitima silenciamentos epistêmicos na construção da nação brasileira? A pergunta busca acompanhar processos pelos quais narrativas de origem interferem na definição de categorias sociais e na distribuição das possibilidades de fala e representação. Tal movimento não se limita à obra, pois atravessa práticas institucionais, normativas e educativas que reproduzem ou tensionam seus efeitos simbólicos.

A investigação estabelece como objetivo analisar *Iracema* como artefato simbólico da formação nacional, evidenciando a construção antropológica do apagamento indígena e do silenciamento epistêmico, tomando o romance como parte de um circuito discursivo mais amplo. Esse objetivo implica aproximar literatura, antropologia e Direito em uma análise que acompanha modos de produção de diferença e de atribuição de legitimidade cultural. Tal aproximação permite observar como categorias simbólicas atravessam instituições e práticas

sociais, gerando campos de disputa que se expressam na definição do indígena no espaço público.

A relevância social, acadêmica, histórica e jurídica do estudo se evidencia quando se considera que imagens produzidas pelo romantismo continuam influenciando debates contemporâneos sobre identidade, reconhecimento e justiça, repercutindo em arenas educativas, políticas e normativas. Esses efeitos se manifestam de forma desigual, pois interagem com transformações sociais e com reivindicações indígenas por pluralidade epistemológica e respeito à diversidade. Revisitar *Iracema* possibilita compreender como determinadas representações se estabilizam e como continuam orientando percepções que estruturam relações assimétricas entre grupos sociais.

Com essa orientação, o artigo organiza-se em introdução, quatro seções de fundamentação teórica, conclusão e referências, compondo percurso analítico que acompanha diferentes camadas do problema sem pretensão de esgotamento. As seções teóricas examinam processos de invenção simbólica, colonialidade, reconfigurações identitárias e produções indígenas contemporâneas, articulando campos distintos de reflexão. A contribuição da pesquisa reside em oferecer leitura antropológica que amplia o debate sobre nação, representação e diferença, mantendo aberto o campo interpretativo e reforçando a necessidade de reconsiderar narrativas fundadoras.

### **Literatura, alteridade e a invenção simbólica do indígena na formação nacional**

A literatura romântica brasileira constituiu-se como prática cultural que participou da organização de sentidos sobre origem, território e identidade, funcionando como espaço em que disputas simbólicas foram integradas à formação nacional. Essa relação permite situar *Iracema* como narrativa que ultrapassa seu valor estético ao interagir com expectativas políticas e sociais presentes no século XIX. Tal interação evidencia a necessidade de compreender o romance como componente ativo na produção de representações que continuam a moldar percepções sobre a alteridade indígena.

Esse enquadramento dialoga com a reflexão de Hall (2005), que entende identidades como construções narrativas sustentadas por práticas discursivas que articulam passado e projeto coletivo. A obra de Alencar (1991) integra essa lógica ao oferecer uma figura indígena inserida em um processo simbólico que busca conferir coerência à história nacional. Tais

processos ressaltam como a literatura opera como tecnologia cultural capaz de regular modos de imaginar a nação e de reconhecer determinados sujeitos.

A questão da representação torna-se mais evidente quando se incorporam as contribuições de Bhabha (1998), que analisa a produção da diferença como operação que combina atração e controle, produzindo sujeitos por meio de ambivalências. Essa perspectiva ilumina o modo como *Iracema* elabora uma personagem marcada por idealização e contenção simultâneas, revelando tensões estruturais na formação da imagem indígena. Essas tensões situam o romance em um campo de disputa simbólica que demanda investigação teórica rigorosa.

Para aprofundar essa análise, é útil considerar os apontamentos de Sá (2012), que observa como narrativas literárias acumulam continuidade simbólica mesmo quando transformações históricas sugerem novas leituras. *Iracema* permanece como arquivo cultural capaz de ativar sentidos sobre o indígena, especialmente quando circula em espaços formativos que reproduzem modelos de identidade nacional. Essa permanência demonstra como o romance se insere em tradições discursivas que sustentam classificações simbólicas de longa duração.

Dentro dessas tradições, o indianismo romântico destaca-se por construir um “índio idealizado” (grifo nosso), fenômeno analisado por Lima (2014), que mostra como esse projeto literário reorganiza a figura indígena para adequá-la ao papel de mito de origem. Essa idealização reduz heterogeneidades e produz imagens que servem ao desejo nacional de unidade simbólica. Tal redução resalta a necessidade de compreender o romance como prática de domesticação discursiva que se inscreve em projetos de identidade coletiva.

Essa domesticação se articula a mecanismos de visibilidade que, segundo Bhabha (1998), operam na criação de fronteiras culturais entre sujeitos representados e sujeitos autorizados a representar. Nesse cenário, *Iracema* assume papel estratégico nesse processo ao oferecer um modelo de alteridade que se afasta das historicidades indígenas reais, tornando-se referência para imaginar quem pode ocupar o espaço nacional. Essa distância entre representação e experiência histórica constitui problema central do campo teórico aqui delimitado.

Ao se considerar essa distância, torna-se possível mobilizar Hall (2005) para compreender que identidades literárias funcionam como efeitos de discursos que instauram continuidade simbólica independentemente de correspondência empírica. A personagem indígena consolidada pela narrativa opera como signo cultural que se naturaliza na memória

coletiva. Essa naturalização reforça modelos interpretativos que influenciam práticas institucionais e sustentam repertórios de leitura sobre o indígena.

Diante disso, o mapeamento teórico deve abranger não apenas a obra, mas também o circuito discursivo em que ela se insere, conforme sugere Sá (2012), ao analisar a literatura como campo de disputas por significação. Tal circuito evidencia que o romance se associa a narrativas que buscam fixar a figura indígena em um papel específico, associado à origem e à conciliação. Esses elementos reforçam a necessidade de abordar *Iracema* como prática cultural que integra um regime de produção de diferença.

Esse regime pode ser aprofundado quando se retomam as formulações de Bhabha (1998), para quem representações coloniais produzem sujeitos deslocados pela repetição de imagens estereotipadas, contribuindo para estabilizar sentidos de alteridade. Seguindo essa linha de pensamento, a obra de *Iracema* participa dessa estrutura ao reiterar modelos literários que se tornam matrizes para interpretações posteriores sobre o indígena. Tal repetição demonstra como o romance opera em continuidade com práticas discursivas que atravessam tempos históricos diversos.

Assim, o campo teórico delimitado aponta que a representação indígena em *Iracema* integra dispositivos simbólicos que articulam literatura, identidade e poder, servindo de base para compreensão de processos mais amplos de produção de diferença. Esses dispositivos tornam-se particularmente significativos quando relacionados às estruturas que organizam formas de conhecimento e silenciamento. Por isso, esta seção conduz diretamente à próxima, dedicada a examinar como a colonialidade estrutura epistemologias que sustentam o silenciamento dos saberes indígenas, aprofundando os mecanismos que moldam a invisibilidade produzida no romance.

### **Colonialidade, epistemologias e o silenciamento dos saberes indígenas**

A discussão sobre a colonialidade do poder, conforme desenvolvida por Quijano (2014), permite compreender como hierarquias de saber foram incorporadas às formas de classificação social que se estabilizaram na história brasileira, repercutindo na maneira como determinados conhecimentos foram legitimados ou recusados. Tal dinâmica se revela na persistente associação entre racionalidade moderna e autoridade epistêmica, que desloca outras matrizes de conhecimento para posições de marginalidade discursiva. No caso da literatura, esse

processo torna-se visível quando narrativas canônicas incorporam pressupostos que reforçam a centralidade epistemológica europeia.

Nesse enquadramento, Mignolo (2008) identifica que a colonialidade opera como dispositivo de ordenação que articula produção de saber e controle das formas de expressão cultural, permitindo observar como discursos considerados legítimos ocupam posições privilegiadas na estrutura social. Essa articulação aparece na forma como obras literárias do século XIX foram incorporadas aos currículos escolares, convertendo-se em instrumentos indiretos de homogeneização epistêmica. Tal incorporação evidencia o modo como imaginários coloniais se reproduzem mesmo na ausência de práticas coloniais explícitas.

A estrutura desse processo pode ser lida à luz das reflexões de Bhabha (1998), que analisam como regimes coloniais produzem sujeitos por meio de representações que oscilam entre reconhecimento parcial e exclusão persistente, configurando uma ambivalência constitutiva. Essa ambivalência se manifesta quando o indígena é simultaneamente celebrado como símbolo fundacional e silenciado como produtor de conhecimento, criando uma tensão que atravessa leituras literárias e interpretações institucionais. Tal tensão repercute na recepção de narrativas que tratam o indígena como figura alegórica, e não como sujeito epistêmico.

Esses mecanismos de hierarquização epistêmica podem ser observados quando se analisa a forma como romances indianistas introduzem elementos indígenas sem incorporar plenamente as cosmologias que lhes dão sentido, revelando um uso instrumentalizado desses referenciais. Nesse contexto, a obra de, *Iracema* torna-se exemplo desse deslocamento ao transformar saberes complexos em motivos narrativos, sem ativar suas dimensões ontológicas próprias. Essa operação evidencia a atuação da colonialidade como mediadora da inteligibilidade cultural, modulando aquilo que pode ser reconhecido como conhecimento válido no interior da narrativa.

Além disso, a análise dos sistemas de significação discutidos por Gell (1998) permite identificar que objetos simbólicos não apenas representam ideias, mas também orientam relações sociais por meio de sua circulação e recepção. A narrativa indianista atua, portanto, como artefato que organiza expectativas sobre o indígena, modulando o modo como esse sujeito é posicionado no imaginário nacional. Essa modulação sugere um processo contínuo de filtragem epistêmica, no qual saberes indígenas são reconfigurados segundo molduras coloniais.

À luz dessas considerações, a literatura aparece como espaço privilegiado para observar como epistemologias eurocêntricas se impõem como referenciais de inteligibilidade, processo analisado por Mignolo (2008) como forma de silenciamento estrutural. Essa imposição se materializa quando formas narrativas priorizam categorias universais em detrimento de cosmologias situadas, reproduzindo a assimetria entre modos de conhecer. A narrativa romântica possibilita perceber essa assimetria ao organizar a experiência indígena sem incorporar as lógicas relacionais que estruturam seus mundos.

Essa assimetria se intensifica quando examinada à luz da teoria do ambiente proposta por Ingold (2000), que enfatiza a inseparabilidade entre conhecimento, prática e território, revelando que a ruptura dessas dimensões gera distorções interpretativas. Na narrativa indianista, essa ruptura aparece quando seres e ambientes indígenas são convertidos em símbolos fixos, desarticulados de suas ecologias próprias. Tal conversão reforça a distância entre representação literária e ontologias indígenas, ampliando o efeito de silenciamento epistemológico.

Ao considerar esse silenciamento, torna-se visível que a colonialidade opera não apenas por exclusão explícita, mas por reestruturação das condições de possibilidade da fala, fenômeno central nas reflexões de Quijano (2014). Esse fenômeno se revela nas escolhas narrativas que transformam o indígena em figura mediada, cujo conhecimento aparece apenas como elemento decorativo. A narrativa, assim, reproduz fronteiras epistêmicas que se projetam para além do texto literário.

A análise desses processos sugere que o silenciamento não ocorre como negação direta, mas como operação discursiva que reorganiza hierarquias do saber, produzindo distâncias que Bhabha (1998) descreve como espaços de ambivalência cultural. Nesse sentido, *Iracema* pode ser lida como narrativa que internaliza mecanismos de domesticação epistemológica, convertendo saberes indígenas em signos adequados ao projeto nacional. Essa conversão torna-se ponto central para compreender o modo como a colonialidade atravessa produções culturais e práticas interpretativas.

Diante desse panorama, delimita-se o campo teórico que sustenta a análise da colonialidade como operação epistêmica que molda formas de visibilidade e restrição do indígena na literatura, articulando classificações sociais e hierarquias de saber indicadas por Quijano (2014) e Mignolo (2008). Essa delimitação cria base para explorar como tais mecanismos influenciaram processos de reconfiguração identitária em contextos urbanos e

interétnicos. Assim, abre-se passagem para a seção seguinte, dedicada a **examinar** indígenas, cidades e deslocamentos identitários no Brasil contemporâneo, ampliando a compreensão das formas atuais de circulação e ressignificação da identidade indígena.

### **Indígenas, cidades e deslocamentos identitários no Brasil contemporâneo**

A presença indígena em cidades brasileiras revela deslocamentos que reconfiguram modos de pertencimento, indicando que trajetórias urbanas não podem ser compreendidas como simples rupturas, mas como processos que articulam território, memória e circulação social, conforme sugere Cardoso de Oliveira (1968). Esse deslocamento produz novas formas de identificação que emergem em contextos marcados por múltiplos regimes de reconhecimento. Tal perspectiva permite perceber que experiências urbanas renovam os parâmetros pelos quais as identidades indígenas são percebidas e reivindicadas.

Nessa direção, Bernal (2009) destaca que reconformações identitárias surgem a partir de interações cotidianas que atravessam fronteiras entre mundos indígenas e espaços urbanos, tornando visível a coexistência de referências culturais diversas. Essa coexistência não implica a dissolução de pertencimentos anteriores, mas a criação de arranjos que integram práticas, afetos e narrativas que atravessam diferentes escalas sociais. Desse modo, torna-se possível compreender a cidade como ambiente que mobiliza repertórios culturais específicos para redefinições identitárias.

A contribuição de Nunes (2010) reforça essa compreensão ao analisar como cidades amazônicas acolhem formas múltiplas de presença indígena, caracterizadas pela circulação entre aldeias e bairros periféricos, produzindo territorialidades descontínuas que desafiam classificações rígidas. Essa circulação revela que a experiência urbana não elimina vínculos com territórios de origem, mas os reinscreve em novas dinâmicas de convivência social. Essa reinscrição amplia a complexidade das identidades indígenas, que passam a funcionar em redes que conectam diferentes espaços de vida.

A partir dessas observações, torna-se possível tensionar a imagem estabilizada pelo indianismo romântico, que reduz o indígena a figuração fixa associada exclusivamente à natureza, contrastando com a pluralidade de presenças contemporâneas. A literatura romântica, ao projetar um indígena idealizado, ofereceu modelos que continuam repercutindo nas expectativas de reconhecimento em contextos urbanos, ainda que de forma indireta. Essa tensão

sugere que deslocamentos identitários são atravessados por disputas simbólicas que envolvem memória literária e práticas sociais contemporâneas.

Além disso, Chernela (2015) evidencia como relações de trabalho urbano, especialmente aquelas marcadas pela desigualdade, introduzem camadas adicionais de experiência que interferem no modo como gênero e domesticidade se articulam nas vivências indígenas. Esses espaços laborais, frequentemente localizados em margens sociais, produzem formas de agência que escapam aos modelos fixados pelo romantismo. Tais formas revelam que identidades indígenas urbanas se constroem em ambientes de forte densidade relacional, onde diferentes expectativas sociais convergem.

Essas convergências se tornam ainda mais significativas quando observadas sob a ótica de Cardoso de Oliveira (1968), que discute como processos de integração podem simultaneamente produzir reconhecimento e reforçar desigualdades, dependendo das mediações institucionais envolvidas. As trajetórias indígenas urbanas situam-se nessa dualidade, pois envolvem movimentos de reivindicação e negociação que variam conforme os contextos de interação. Tais negociações contribuem para redefinir o modo como pertencimento é elaborado em múltiplas esferas.

Nesse sentido, Bernal (2009) ressalta que identidades indígenas em cidades amazônicas operam por camadas, pois conectam experiências locais a narrativas amplas sobre autodeterminação, ancestralidade e continuidade cultural. Essas camadas coexistem sem necessariamente se harmonizar, gerando tensões produtivas que refletem a pluralidade de trajetórias presentes nesses espaços. Tal pluralidade reforça que deslocamentos territoriais devem ser entendidos como processos complexos de recomposição simbólica.

De modo relacionado, Nunes (2010) observa que a multiplicidade de arranjos urbanos desafia classificações que tentam separar rigidamente o indígena “da mata” e o indígena “da cidade”, uma vez que práticas cotidianas atravessam essas fronteiras continuamente. Essa constatação permite problematizar dicotomias produzidas pela literatura romântica, revelando o contraste entre a figura idealizada e as experiências diversificadas que compõem a vida urbana indígena. Tal contraste evidencia a importância de considerar a historicidade situada dessas identidades.

Por sua vez, Chernela (2015) indica que relações de trabalho e cuidado ampliam o repertório de práticas que constituem identidades indígenas no ambiente urbano, especialmente quando mulheres assumem papéis que confrontam expectativas tradicionais de gênero. Essas

práticas revelam várias estratégias de adaptação e invenção que resistem à cristalização identitária produzida por narrativas literárias. Essa resistência cria novos espaços de interpretação sobre o que significa viver a indigeneidade em contextos metropolitanos.

Diante desse panorama, torna-se possível reconhecer que deslocamentos identitários urbanos ampliam o campo analítico ao revelar formas contemporâneas de produção da diferença que dialogam com processos históricos e simbólicos anteriores, como aqueles sustentados pelo indianismo. Essas formas atualizam debates sobre saberes, narrativas e posições de fala, indicando caminhos que se abrem para reflexões sobre práticas discursivas de retomada epistêmica. Por isso, a discussão conduz diretamente à seção seguinte, dedicada a examinar escritas indígenas, educação e a ruptura com o apagamento epistêmico, ampliando os horizontes interpretativos construídos até aqui.

### **Escritas indígenas, educação e a ruptura com o apagamento epistêmico**

O debate sobre a escrita indígena contemporânea evidencia movimentos que reconfiguram o campo epistemológico ao introduzirem formas de autoria que desafiam narrativas fixadas por tradições literárias, como o romantismo, e que atravessam o objetivo desta pesquisa. Esses movimentos tornam visível que práticas de escrita não se limitam à transposição de oralidades, mas operam como atos de reivindicação que tensionam regimes de representação consolidados. É nesse horizonte que produções recentes passam a dialogar com *Iracema*, abrindo espaços para interpretações que rompem com silenciamentos historicamente reproduzidos.

A perspectiva apresentada por Munduruku (2018) reforça que a escrita indígena deve ser compreendida como gesto que devolve agência narrativa a sujeitos continuamente reduzidos a símbolos da nacionalidade, articulando-se diretamente ao questionamento central do estudo. Tal gesto se manifesta quando narrativas indígenas passam a registrar modos de existência, afetos e cosmologias que não encontram equivalência no repertório romântico. Esses registros tornam perceptível a assimetria entre autores indígenas e obras canônicas que moldaram a figura do “índio idealizado” (grifo nosso).

Esse contraste se torna mais evidente quando se considera que, segundo Munduruku (2021), a memória indígena não se estrutura como acervo estático, mas como prática relacional, na qual recordar é também atualizar vínculos. Essa concepção desloca a forma como *Iracema*

organiza suas referências culturais, pois a narrativa romântica recorre à memória como elemento alegórico e não como prática coletiva. Tal deslocamento evidencia como a obra literária se distancia de epistemologias que sustentam formas próprias de transmissão do conhecimento.

Além disso, Carmo e Melian (2023) analisam como releituras críticas de narrativas indianistas destacam a necessidade de reconhecer contradições internas às obras, o que contribui para o objetivo de examinar *Iracema* como artefato simbólico. Tais releituras não buscam negar o romance, mas tensioná-lo a partir de perspectivas que valorizam experiências indígenas contemporâneas. Esse tensionamento produz abertura interpretativa que permite situar o texto romântico no interior de disputas epistêmicas ainda pouco exploradas.

Nesse cenário, educação intercultural emerge como campo privilegiado para compreender como práticas pedagógicas podem romper com apagamentos estruturais, tema desenvolvido por Silva *et al.* (2024) ao enfatizar o diálogo de saberes. Esse diálogo evidencia que a escola não funciona apenas como espaço de reprodução de conhecimentos, mas como ambiente em que epistemologias se enfrentam, se negociam e se transformam. Tais negociações permitem observar como estudantes indígenas lidam com modelos identitários impostos pela literatura canônica.

De modo relacionado, Silva (2025) argumenta que práticas educativas sensíveis às cosmologias indígenas criam ambientes de escuta nos quais a palavra indígena não é tratada como elemento suplementar, mas como eixo estruturador de experiências formativas. Essa abordagem expõe os limites de narrativas que silenciam ou neutralizam protagonismos, como ocorre em *Iracema*, ao representar a personagem indígena como mediação simbólica e não como sujeito epistêmico. Essa distinção reforça a importância de questionar o modo como o romance organiza sua estrutura de sentidos.

A discussão adquire maior profundidade quando se considera que, conforme Silva *et al.* (2025a), produções indígenas contemporâneas incorporam diferentes formas de expressar territorialidade, espiritualidade e relações de cuidado, elementos ausentes ou diluídos na narrativa romântica. Essa incorporação revela a diversidade de perspectivas que se articulam ao escrever sobre si e sobre o mundo, contrastando com a homogeneização presente em textos indianistas. Esse contraste opera como chave interpretativa para compreender o apagamento epistêmico analisado neste estudo.

Seguindo essa linha de pensamento, Silva *et al.* (2025b) ampliam essa discussão ao mostrar que práticas de saúde indígena, quando descritas em narrativas autorais, evidenciam cosmologias que atravessam corpo, afeto e espiritualidade, elementos que tensionam as interpretações românticas sobre harmonia e sacrifício. Essa tensão permite observar como o romance reorganiza o indígena em um plano alegórico que pouco dialoga com suas ontologias. Tais observações revelam que a escrita indígena contemporânea produz deslocamentos importantes para o problema investigado.

A partir dessas contribuições, torna-se visível que práticas de escrita podem operar como dispositivos de resistência epistêmica, especialmente quando elaboram experiências que recusam a domesticação literária da alteridade. Essa recusa torna mais nítida a distância entre os sentidos atribuídos a *Iracema* e aqueles que emergem de narrativas situadas em mundos indígenas. Essa distância ilumina o modo como o romance participa de processos que legitimam formas específicas de silenciamento, respondendo ao questionamento da pesquisa.

Ao mesmo tempo, essas produções acionam memórias ancestrais que se integram a formas contemporâneas de criação, revelando que oralidade e escrita não se situam em oposição, mas em continuidade dinâmica, como sugere Munduruku (2018). Essa continuidade evidencia que cada narrativa indígena amplia possibilidades interpretativas que desestabilizam categorias produzidas pelo indianismo. Assim, tais narrativas permitem examinar de que maneira *Iracema* atua como operador simbólico que organiza fronteiras epistêmicas.

Com isso, o campo teórico delineado nesta seção permite relacionar produções indígenas contemporâneas ao objetivo de analisar o romance como artefato simbólico atravessado por mecanismos de apagamento que se perpetuam por meio de representações literárias. Tais produções sugerem que práticas de escrita podem tensionar sentidos estabelecidos e reconstituir lugares de enunciação. Essa reconstituição opera como contraponto à lógica de silenciamento identificada na narrativa romântica.

Dessa forma, torna-se possível compreender que a escrita indígena contemporânea abre caminhos para reposicionar debates sobre narrativa, autoria e legitimidade epistêmica, produzindo deslocamentos que dialogam diretamente com o problema deste estudo. Esses deslocamentos revelam que práticas literárias indígenas reconfiguram paisagens simbólicas que antes eram definidas por obras canônicas, criando novos horizontes interpretativos. Assim, estabelece-se o elo para o fechamento analítico desse estudo, no qual tais rupturas epistêmicas se articulam aos processos de superação do apagamento indígena.

## **Considerações finais**

A análise permitiu identificar que a narrativa romântica examinada organiza sentidos que influenciam processos de construção nacional, revelando modos específicos de representar a alteridade indígena. Esses modos foram tensionados pela leitura antropológica, que evidenciou silenciamentos incorporados ao texto e suas repercussões simbólicas. Tais elementos contribuíram para responder ao questionamento proposto, demonstrando como diferentes camadas discursivas interferem na produção da identidade coletiva.

A articulação entre literatura e colonialidade mostrou que o apagamento indígena opera por mecanismos que atuam simultaneamente no plano estético e no plano epistemológico, permitindo examinar se a hipótese inicial encontrava sustentação. Os resultados indicaram que a representação indígena se constrói em regime de ambivalência que reorganiza saberes e posições de fala. Essa reorganização tornou possível compreender como formas de silenciamento se reproduzem ao longo do tempo, mesmo em ambientes educacionais.

A investigação também mostrou que produções indígenas contemporâneas oferecem caminhos para reconfigurar as narrativas consolidadas, sugerindo possibilidades de ruptura com modelos que limitam a visibilidade de suas epistemologias. Esses caminhos se expressam na maneira como a autoria indígena elabora práticas narrativas que desestabilizam padrões simbólicos que antes eram tratados como homogêneos. Dessa forma, foi possível demonstrar que a hipótese relativa ao potencial crítico dessas produções revelou elementos significativos para o debate.

O exame das implicações teóricas permitiu reconhecer que a pesquisa colabora para ampliar abordagens sobre literatura, identidade e poder, sobretudo ao articular categorias antropológicas aos debates sobre representação. Essa articulação fornece subsídios para repensar interpretações cristalizadas, especialmente em contextos escolares que ainda mobilizam a narrativa romântica como referência sobre o indígena. Assim, emergem novas possibilidades de diálogo entre práticas educativas, produções literárias e reconfigurações identitárias.

Do ponto de vista prático, a pesquisa sugere que processos formativos podem beneficiar-se de abordagens que articulem múltiplos regimes de conhecimento, incentivando a presença ativa de narrativas indígenas nos espaços de aprendizagem. Essa presença potencializa formas de leitura que reconhecem complexidades e historicidades diversas, contribuindo para desnaturalizar imagens que ainda circulam como modelos de identificação. Recomenda-se,

portanto, que escolas, universidades e instituições culturais incorporem estratégias que ampliem vozes e perspectivas.

Como encaminhamento geral, destaca-se a importância de aprofundar estudos que relacionem práticas de escrita indígena, pedagogias interculturais e reformulações de imaginários nacionais, estimulando pesquisas que integrem diferentes territórios discursivos. Tais pesquisas podem fortalecer interpretações mais sensíveis às experiências indígenas e aos modos pelos quais conhecimentos são transmitidos e legitimados. Sugere-se, assim, a continuidade de investigações que ampliem a densidade analítica do tema e fortaleçam práticas comprometidas com justiça epistêmica.

## Referências

ALENCAR, José de. **Iracema**. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos: Processo de Reconformação das Identidades Étnicas Indígenas em Manaus**. Manaus, EDUA. 2009.

BHABHA, Home K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terena numa sociedade de classes**. Rio de Janeiro: Editora do Museu Nacional. 1968.

CARMO, Andreia Nascimento.; MELIAN, Valdivina Télia Rosa. T. Marcas da desconstrução da cultura indígena brasileira nas obras Iracema e Macunaíma. **Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - UFMS**, v. 25, n. 50, p. 92-103, 29 jul. 2023.

CHERNELA, Janet. *Directions of Existence: Indigenous Women Domestic in the Paris of the Tropics*. In: **The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology**, Vol. 20, No. 1, pp. 201–229. 2015.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon. 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays on lilihood, dwelling and skill*. London & New York: Routledge. 2000.

LIMA, Tarsila de Andrade Ribeiro. O indígena na literatura brasileira: entre olhares estrangeiros e do próprio “índio”. **BOITATÁ**, Londrina, n.18, p. 366-379, jul-dez. 2014.

MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 34, p. 287-324, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas indígenas para rir e refletir na escola**. São Paulo: Editora Moderna, 2021.

MUNDURUKU, Daniel. Escrita indígena: registro, oralidade e literatura – O reencontro da memória. In: DORRICO, Julie; et al. (orgs). **Literatura Indígena Brasileira Contemporânea: Criação, Crítica e Recepção**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

NUNES, Eduardo S. **Aldeias urbanas ou cidades indígenas?** Reflexões sobre índios e cidades”. In: Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 9-30, jan./jun. 2010.

QUIJANO Aníbal. Colonialidade do poder e Classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, LDA, 2014.

SÁ, Lúcia. **Literaturas da floresta: textos amazônicos e cultura latino-americana**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SILVA, Clodoaldo Matias da; SILVA, Karla Emília Furtado e; SOARES, Sandra Luana; ALMEIDA, Janderson Gustavo Soares. *Dialogue of knowledges: the importance of the partnership between scientists and indigenous peoples for the preservation of traditional knowledge*. **Delos: Desarrollo Local Sostenible**, v. 17, p. 1-10, 2024.

SILVA, Clodoaldo Matias da. Educação popular, feminismos e justiça social: a influência de Paulo Freire nas práticas educativas de mulheres do campo. **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 38, n. 1, p. 89–105, 2025.

SILVA, Clodoaldo; COSTA, Aretusa; OLIVEIRA, Maria das Graças; ALMEIDA, Janderson Gustavo. Entre saberes ancestrais e vozes femininas: diálogos interétnicos e resistências da AMISM na Manaus urbana. **Revista Taka’a**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e2025006, 2025a.

SILVA, Maria Eduarda da; SILVA, Clodoaldo; OLIVEIRA, Maria das Graças de; AGUIAR, Denison de. Entre o corpo e o sagrado: espiritualidade feminina e cuidado de enfermagem na saúde mental indígena. **Revista Taka’a**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. e2025010, 2025b.

#### **Licença de Uso**

Licenciado sob Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Porém, não permite adaptar, remixar, transformar ou construir sobre o material, tampouco pode usar o manuscrito para fins comerciais. Sempre que usar informações do manuscrito deve ser atribuído o devido crédito de Autoria e publicação inicial neste periódico.



Recebido em 10 de janeiro de 2026  
Aprovado em 28 de abril de 2026  
Publicado em 11 de maio de 2026